

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

"A construção de um projeto político: os caminhos da memória e cultura integralistas"

Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro*

Resumo: Na década de 1930, o movimento integralista liderado por Plínio Salgado, de características fascistas, conseguiu reunir milhares de militantes. Nos anos seguintes ao da implantação do Estado Novo, o integralismo foi perdendo a sua força organizativa. Porém, os ideais da Ação Integralista Brasileira, fundada em 1932, vêm atualmente sendo recuperados por grupos que almejam fazer florescer e chegar à hegemonia da sociedade política brasileira o modelo de Estado Integral. Na atualidade, alguns grupos que se intitulam integralistas se organizam em várias partes do Brasil com o objetivo de reestruturação do movimento. Estes grupos defendem a construção de uma memória do movimento que seja produzida pela própria militância e propõem, a partir de releituras da Doutrina do Sigma, tornarem-se portadores de uma verdadeira e única história integralista.

Palavras-chave: integralismo, memória, fascismo

Résumé: Aux années 1930, le mouvement intégraliste, commandé par Plínio Salgado, de caractéristiques fascistes, a réussi à réunir milliers de militants. À la suite de l'instauration de l'Etat Nouveau, l'intégralisme a perdu désormais sa force organisatrice. Cependant, les idéaux de l'Action Intégraliste Brésilienne [Ação Integralista Brasileira], crée en 1932, récupère des groupes qui souhaitent faire le modèle de son « État Intégral » épanouir et arriver à l'hégémonie de la société politique brésilienne à nos jours. Actuellement, quelques groupes, qui s'intitulent intégralistes, s'organisent partout dans le Brésil avec le but de restructurer ce mouvement. Ces groupes défendent la construction d'une mémoire du mouvement produite par les militants eux-mêmes et proposent, à partir de relectures de la Doctrine du Sigma, devenir les porte-paroles d'une véritable et unique histoire intégraliste.

Mots-clés: intégralisme, mémoire, fascisme

A fundação da Ação Integralista Brasileira, em outubro de 1932, marcou o início de um movimento político-social brasileiro sem igual na história do Brasil. Não somente representou a adesão de milhares de brasileiros e brasileiras a um projeto de governo autoritário, mas também significou o alcance do ideário fascista além do continente europeu, em terras e condições que não correspondiam às determinações ideais de uma possível gradação evolutiva do capital. Mas, o fato do ideário fascista encontrar ressonância em terras brasileiras, não significa que o fascismo não seja uma espécie de solução burguesa de Estado, como perceberam alguns marxistas. Significa a reação ao liberalismo, ao temor à desordem

* Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Professora do Instituto Superior de Ciências Humanas e Sociais Anísio Teixeira.

que, segundo o pensamento conservador, teria sido provocada pela entrada da classe popular nos espaços da luta política no âmbito do Estado, reivindicando sua auto-representação, após as Revoluções Francesa e Industrial.

O fascismo deve ser entendido aqui, como bem colocou Silva, como “uma possibilidade da moderna sociedade de massas, e não apenas de um período histórico determinado e já findo da aventura humana.” (SILVA, 2000: 113). As idéias fascistas, de intolerância às escolhas fora dos parâmetros do próprio fascismo, continuam sendo acalentadas. Os limites da intolerância são flexíveis nos contornos contextuais, mas permanece a visão de que somente o Estado forte pode conter e resolver os “abusos” da participação democrática, como, por exemplo, da pluralidade de idéias e de formas de representação política.

A doutrina integralista, que se organiza com a criação da AIB, detém certos aspectos que a aproximam, tanto do ideário fascista como da Igreja Católica organizada a partir do Concílio Vaticano I. E, são estas perspectivas que levaram milhares de pessoas a aderirem ao integralismo. Estas encontraram no movimento, as suas próprias perspectivas, as respostas para entender e dar um contorno mais ordenado ao mundo. Uma ordem que necessitava excluir o que se considera desordem, para que não houvesse conflitos. Uma ordem governada pelo espírito cristão, pelo exercício de um governo forte, que, sob os auspícios divinos, poderia garantir a integração salvadora através de uma identidade uniformizada pelas idéias e pela submissão a uma única e confiável Chefia. E o apelo à ordem, à idealização da função salvífica que continha o movimento motivou a adesão às suas fileiras.

O movimento iniciado em 1932 organizava-se com base numa rígida hierarquia. No topo desta, o Chefe Nacional e mentor da AIB, Plínio Salgado. O movimento demonstrava externamente as características fascistas com uso da camisa-verde, em cujas mangas era bordado o Sigma (Σ) – o símbolo matemático do somatório. A proposta do movimento, com a escolha deste símbolo era fazer-se representar nele a própria doutrina integralista. Esta, ao integrar a síntese, através da soma do conjunto de toda a produção filosófica, política, social e econômica da humanidade ocidental, era entendida como a única escolha possível e correta, excluindo as ideologias consideradas pelos ideólogos do movimento como perniciosas à ordem moral social. Ao buscar as raízes nacionais, o integralismo propunha salvar o país das influências materialistas representadas tanto pelo capitalismo quanto pelo comunismo. Assim sendo, todas as representações e manifestações sociais estariam limitadas à idéia de síntese integralista – como marca de uma visão de mundo. Neste sentido, o integral se limita às

fronteiras da síntese – nada fora do que a Doutrina do Sigma considera aceitável – nada fora do integralismo.

Após a implantação do Estado Novo, em 1937, o integralismo foi perdendo a sua força organizativa. Porém, os ideais integralistas permanecem ainda vivos e são recuperados na atualidade por grupos que se organizam em várias partes do Brasil com o objetivo de reestruturação do movimento. A memória do movimento vem sendo reconstruída ao longo de setenta anos, considerando-se, cada grupo que se organiza, os portadores da verdadeira idéia integralista. Os “novos” integralistas propõem-se, a partir de releituras da Doutrina e da absorção de memórias construídas ao longo do tempo, seja pelo acúmulo das produções endógenas seja pelas lembranças que buscam extrair dos “velhos militantes”. A Doutrina do Sigma permanece como parâmetro para a construção de uma História a partir da memória produzida pelos intelectuais e militância do movimento. Esta História congrega os aspectos em conflito da construção de uma memória integralista influenciadas pelas visões particulares de cada grupo que disputa hoje a “posse” da memória integralista. Nesta estão representados os projetos de futuro para o Brasil de parcela da sociedade brasileira, autoritária e intolerante para com a diversidade cultural e política. A preservação dessa memória se dá pelo respeito à continuidade de uma coerente linha de pensamento produzida pelos ideólogos da AIB. Esta direção pode ser constatada, desde a década de 1930, tanto na literatura produzida pelo integralismo quanto pela existência dos inúmeros grupos que defendem suas idéias e que se propagam por vários locais do Brasil, ou através da *internet*, nos que podem ser considerados núcleos virtuais. No entanto, isto não significa a obediência a uma leitura única da doutrina originariamente construída entre 1932 e 1937.

A presença “imortal” do Chefe Nacional Plínio Salgado, como representação de autoridade no que se refere à “posse” da memória pelos grupos atuais é preponderante. Nada, nem ninguém, pode substituir o Chefe, que faleceu em dezembro de 1975. A preservação do culto ao Chefe constitui parâmetro para os que seguem a Doutrina do Sigma. E esse respeito à memória do Chefe confirma, como Hannah Arendt percebeu na sua interpretação de totalitarismo, a importância do líder e do que significa o que escreve ou fala. Além da autoridade hierárquica, está a capacidade do líder tornar seu desejo a expressão da vontade de um grupo. Segundo Arendt, o exercício do poder, já que não haveria níveis intermediários definidos no totalitarismo, se daria pela relação do líder com seus liderados. Uma relação direta que deveria ser mantida “em qualquer lugar e a qualquer momento” (ARENDT, 1979: 154). Assim, o desejo do líder, transmutado em vontade de seus liderados, representaria a permanência do corpo vivo do próprio líder através da idéia, já que o desejo do líder pode

encarnar-se. Conhecer e interpretar, segundo a perspectiva filosófico-doutrinária do Chefe, significa torna-se seu herdeiro, um verdadeiro integralista.

Os grupos de hoje procuraram reproduzir a mesma arrumação simbólica, os mesmos ritos do movimento na década de 1930, como o de abertura da reunião com a entoação do Hino Nacional e do Hino “Avante”.¹ Também continuam a reproduzir as demonstrações públicas de respeito na quantidade de “Anauês” recebidos pelos chefes, assim como o simples cumprimento com a mão direita levantada, ao saudarem-se entre si com o “Anauê” tradicional. Alguns se vestem como os primeiros integralistas com o uniforme tradicional: camisas verdes com o Sigma, símbolo do integralismo, bordado na manga. Usam gravatas e calças pretas. Outros, ao invés do Sigma bordado das antigas camisas sociais, apresentam impresso o símbolo do movimento em *silk screen* nas camisetas de algodão sintético.

A arrumação do ambiente para as reuniões de hoje, segue as regras do período fundador: a mesa principal, onde ficam os que fazem os discursos; na parede atrás da mesa, ao centro, fica o retrato do Chefe Plínio Salgado. A bandeira azul com o Sigma pode ladear o retrato do Chefe. A bandeira do Brasil também deve estar presente. Senta-se ao centro, o principal membro do grupo, ou o organizador do evento. Ao seu lado, em reuniões periódicas, o secretário. Em reuniões festivas, os convidados.

A sessão era e é aberta pelo dirigente principal com um discurso para expor os motivos da reunião. Na década de 1930, estes eram os chefes municipais e tinham como objetivo maior a doutrinação. Nos períodos posteriores, a doutrinação continua importante, mas, de certa forma, o esvaziamento do movimento, desde a decretação do fim da AIB, tornou mais necessária a discussão das formas de enfrentamentos das questões políticas e a manutenção do próprio integralismo. As reuniões doutrinárias se dão com apresentação de palestras nas quais, os integrantes do movimento apresentam discussões atualizadas à luz da perspectiva da doutrina produzida pelos principais ideólogos do período da AIB. Não se pode fugir à esta regra. Expressar-se de outra forma demonstraria desconhecimento dessa perspectiva fundamental para o integralismo.

A base doutrinária segue o *Manifesto de Outubro*, no qual a idéia de síntese filosófico-espiritualista é essencial. Nesta síntese, está contida toda a visão específica do

¹ Na década de 1930, as reuniões eram abertas com a entoação do Hino Nacional, cantado apenas a primeira parte. A segunda parte do hino, iniciada por “Deitado eternamente em berço esplêndido”, não era aceita pelos integralistas, pois não admitiam uma suposta alusão à incapacidade do povo brasileiro de reagir às suas mazelas. Atualmente, somente alguns núcleos, principalmente os que têm na direção um velho militante da AIB respeitam essa regra. Mas não se nota atualmente esta preocupação em cantar ou não a segunda parte do hino, ou por não a considerarem nociva à honra nacional, ou, principalmente por desinformação dos novos integralistas.

integralismo das condições da família; da concepção integralista do trabalho; da interpretação do significado integralista para democracia; dos conceitos de liberdade; do comunismo e do que significa o imperialismo como fator de destruição da humanidade do homem e vitória do materialismo. Neste sentido, o que denominam “capitalismo judeu”, “o capitalismo sem pátria”, seguindo a ótica do intelectual do movimento e Chefe das Milícias, Gustavo Barroso, também é apontado como fator importante a ser combatido. Outro ponto privilegiado na construção da memória integralista re-produzida em todos os contextos é a sua especificidade em relação ao fascismo. Este tema ganhou maior importância, conforme a derrota do modelo europeu foi sendo tratada diante da vitória aliada na Segunda Guerra Mundial. E, atualmente, diante da ascensão dos neo-fascismos, principalmente na Europa, a mídia atualiza constantemente o discurso da memória do holocausto e da intolerância.

Na busca por adesões, o integralismo fundador procurou incorporar à doutrina visões e versões de mundo já existentes no substrato cultural do povo brasileiro, principalmente no que se refere à ligação do povo brasileiro com o catolicismo. Nesse sentido, procurava absorver do senso comum, concepções de mundo que seriam facilmente digeridas pelas massas. O próprio lema “Deus, Pátria e Família” reproduz o apelo da Encíclica Papal *Rerum Novarum* de ordenação do mundo, pelo controle moral, tendo a família cristã como suporte primeiro, sustentando toda a sociedade. Estas idéias hoje são revisitadas sob o argumento da grande crise de moralidade que, segundo a “nova militância”, tem na televisão sua principal divulgadora.

Considerando um dos impasses da modernidade a universalização de aspectos culturais hegemônicos e a aparente destruição das diferenças nacionais, parte da juventude brasileira resgata memórias da história do integralismo e a re-visita buscando nas bases filosóficas, elementos para a construção de uma utopia que, ao invés de assentada no processo do devir, assume a posição contrária a de fazer revolver a marcha da história. A idéia de revolução, neste sentido, tem significado de eterno retorno ao tempo de antes, o que teria sido o melhor. Momentos de mudanças no mundo do trabalho e das relações sociais ainda são vistos pelos novos integralistas como norteadores de suas posições, ainda que as exigências de respostas, neste início do século XXI requeiram decisões múltiplas diante da diversidade de respostas que as transformações tecnológicas impuseram à sociedade pós-industrial. Deste modo, tanto os integralistas de 1930 quanto os de hoje mantêm certas posturas e buscam preservar tradições que consideram as do povo brasileiro: o comportamento moral conservador, uma nacionalidade extremada, um anti-semitismo arraigado à uma ótica cristã discriminadora e autoritária, um intolerância com qualquer movimento ou pensamento que

seja considerado à parte dos princípios cristãos. Tal como versava, na atualidade, o Estatuto aprovado no Encontro integralista de dezembro de 2004 que criou o Movimento Brasileiro Integralista e que durou pouquíssimo tempo: “O MIB se intitula de cunho cristão, porém aberto a todas as pessoas de todas as denominações religiosas, desde que respeitem os costumes, a moral, as tradições e os princípios cristãos e brasileiros.”

Os novos integralistas absorvem as memórias das obras e do contato com os integralistas de gerações anteriores e apresentam o novo trunfo: a *internet*. O meio mais importante de propagação dos ideais integralistas. O que se rememora? Também o Chefe, que a maioria não conheceu. Por isso, apesar das demonstrações públicas de respeito, alguns ousam contestar os escritos. Embora digam estar dando continuidade, interpretam a doutrina sob novas condições, numa conjuntura tão dinâmica que o pensamento vai tornando apenas referência.

No caso da Frente Integralista Brasileira (FIB), a obediência aos princípios básicos é respeitada quanto à interpretação católica da doutrina. Seguem a *Rerum Novarum* e os caminhos de explicação da fé indicados por Tomás de Aquino. A FIB tem como seu setor de estudos da doutrina o apoio do CEDI, o Centro de Estudos e Debates Integralistas, com núcleos espalhados por diversas partes do Brasil e que se comunicam por meio da *internet*, mas mantém independência em termos de produção e organização interna. A FIB utiliza a Casa de Plínio Salgado para reuniões.

O Movimento Integralista Linearista Brasileiro (MIL-B) interpreta a doutrina, como dizem, com os olhares do século XXI. Incorporam a leitura científica, da ordenação newtoniana, da negação dos dogmas e do relativismo mas submetendo todo conhecimento produzido pelos homens à inspiração divina. Seguem Santo Agostinho ao quererem demonstrar a existência do divino apenas pela fé. Pois Deus apenas existe e move o Universo. Este é visto através da coerência da ordem da natureza concebida por Deus que defendia Leibniz. Seguem, principalmente Gustavo Barroso. Consideram o sionismo o mal da humanidade posto que as principais casas bancárias pertencem a judeus que, segundo os linearistas não têm compromisso com as pátrias que habitam. Por isso o seu capital é internacional e só enriquece aos próprios donos do capital e não são revertidos para o resto da população.

Os linearistas chamam a atenção para a distinção que fazem entre sionismo, que definem como poder econômico, e semitismo, que trás a referência ao povo judeu. Deste modo, defendem que não há discriminação racial, mas constatação que certos grupos formados por judeus controlam o mundo através do poder econômico. Açam que há uma

conspiração sionista para dominação do planeta² e que urge a reação dos homens espiritualizados, guiados por uma elite superior, para defender o mundo que está sendo governado pelo próprio demônio. Pois, se existe Deus como força absoluta e motor de toda a natureza, há o outro lado espiritual que habita as trevas, que governa os interesses de destruição da moral, da família e da Pátria. O objetivo central do linearismo seria alinhar a visão científicista de mundo com a visão espiritualista e congregar os dois paradigmas num só. Para os linearistas não se pode analisar a espiritualidade sem analisarmos as condições científicas e racionais de nossa realidade. No entanto, tem que se tomar cuidado em não se cair numa visão dogmática e relativista da realidade humana, na sua concepção, a oposição ao materialismo não significa apenas negá-lo. É necessário estudá-lo e compreendê-lo. O MIL-B, como associação, ainda conta com o apoio da SENE, a Sociedade de Estudos Nacionalistas e Espiritualistas que seria uma instituição de estudos acadêmicos e filosóficos.

A Ação Integralista Revolucionária, outro grupo importante, com base na cidade de Rio Claro defende a submissão à doutrina, mas com independência de interpretação. Pretende ser a força capaz de unir os grupos integralistas, entendendo que a organização do novo integralismo deve partir de células menores até fortalecer-se nacionalmente.

Na reconstrução das memórias por todos os “novos” grupos, ainda se preserva a história da traição de Vargas, com a implantação do Estado Novo, que impôs o fim da AIB e dos liberais, no episódio conhecido como “Intentona Integralista” – a tentativa de tomada do Palácio Guanabara, residência oficial da presidência em 11 de maio de 1938. E esta é a versão oficial, divulgada para as gerações que se sucederam à primeira geração que viveu os acontecimentos e que a ela foi endereçada a tarefa de replicar.

Todos são contra as mudanças instituídas pelo Concílio Vaticano II. Consideram os movimentos de luta de origem popular, principalmente o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) uma excrescência da sociedade brasileira, sob uma democracia que não reconhecem como sistema capaz de manter o controle sobre o povo que governa

Desta forma, os integralistas mantêm viva a idéia primordial que gerou o movimento. Ao longo da história brasileira, desde 1932, mantém-se viva a utopia de se construir o Estado Integral. Malgrado as mudanças nas perspectivas da humanidade sobre seu próprio devir, no qual se percebe a necessidade de se reconhecer como um todo universal que incorpore a diversidade e as multiplicidades de pensar, os integralistas ainda buscam defender

² Esta “teoria da conspiração” está delineada n’*Os Protocolos dos Sábios de Sião* (LAMBERLIN e outros. São Paulo: Centauro, 2001). Gustavo Barroso seguia esta teoria, considerando verdadeira a idéia de que grupos de banqueiros internacionais de origem semita mantêm a dominação do mundo pela exploração capitalista internacional.

seu projeto de síntese. Anulando as diferenças, o integral reduz-se à unidade e o total, restringe-se à imposição de uma vontade única: ao totalitarismo.

Referências Bibliográficas:

ARENDT, Hannah. *Totalitarismo, o paroxismo do poder – uma análise dialética*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979.

CARNEIRO, Márcia R. S. R.. *Do Sigma ao Sigma – entre a nata, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2007 (mimeo).

LAMBERLIN et alli. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. São Paulo: Centauro, 2001.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os Fascismos. In AARÃO, Daniel et alli. *O século XX – O Tempo das Crises – Revoluções, fascismos e guerras, Vol. 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.